



Universidade Federal  
de São João del-Rei

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI - UFSJ**  
**Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Artes Aplicadas - DAUAP**  
**Bacharelado em Artes Aplicadas com Ênfase em Cerâmica**

**Lilian Cristina de Almeida Silva**

**O MOVIMENTO DA VIDA**  
**Pelas mãos do ceramista**

São João del-Rei, novembro de 2022



Universidade Federal  
de São João del-Rei

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI - UFSJ**  
**Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Artes Aplicadas - DAUAP**  
**Bacharelado em Artes Aplicadas com Ênfase em Cerâmica**

**Lilian Cristina de Almeida Silva**

**O MOVIMENTO DA VIDA**  
**Pelas mãos do ceramista**

Relatório final, apresentado à Universidade Federal de São João del-Rei, como parte das exigências para a obtenção do título de bacharel no curso de Artes Aplicadas com Ênfase em cerâmica.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Zandra Coelho  
de Miranda**

São João del-Rei, 04 de novembro de 2022



Universidade Federal  
de São João del-Rei

## FICHA CATALOGRÁFICA



Universidade Federal  
de São João del-Rei

## BANCA EXAMINADORA

---

Prof. (Nome do orientador)

Afiliações

---

Prof. (Nome do professor avaliador)

Afiliações

---

Prof. (Nome do professor avaliado Afiliações)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado essa oportunidade de estar aqui neste momento realizando um sonho e sempre esteve ao meu lado me ajudando a superar todas as dificuldades e obstáculos que encontrei pelo caminho.

A esta universidade, pela oportunidade de fazer o curso.

A minha orientadora Zandra Coelho de Miranda, pelo suporte, incentivo e correções na elaboração deste trabalho.

Agradeço a todos os professores por me proporcionar o conhecimento e me mostrar os vários caminhos que posso seguir na minha formação profissional e que posso sempre fazer melhor.

Aos meus irmãos e minha mãe que sempre estiveram ao meu lado me apoiando e cuidando dos meus filhos enquanto eu estava nas aulas.

Ao meu esposo que sempre me incentivou a fazer uma graduação.

Ao Sérgio, que além de meu patrão é um amigo, que durante todo o período da graduação me apoiou e me incentivou.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

## RESUMO

Todos os acontecimentos da vida dos africanos como fertilidade, nascimento, plantio, colheita até mesmo doença e morte, são comemorados com muita música e especialmente com muita dança. A dança se originou na África como parte essencial da vida nas aldeias. Os negros que chegaram ao Brasil de forma desumana, recorreram ao canto e a dança para manter viva sua cultura e sua identidade, contavam apenas com o corpo e a memória. O corpo através da dança é uma forma de se contar a história deste povo. Os movimentos da dança representam resistência, auto-afirmação cultural, tradição, atitude, diversão, relatam e recordam fatos históricos. A religião também é expressa pela dança como no candomblé. Os orixás dançam pela força e relação do seu cotidiano tendo a natureza como seu elemento central. Eles dançam descalços para manter a tradição de respeito à terra. Na dança afro o ritmo é fundamental, pois transmite o movimento da vida como se fosse as batidas do coração. Ele move o corpo, como o coração move o sangue. Assim como o som é vital para a dança, o coração é vital para a vida.

## PALAVRAS-CHAVE

### **Abstract**

All events in the lives of Africans, such as fertility, birth, planting, harvesting, even illness and death, are celebrated with lots of music and especially with lots of dancing. Dance originated in Africa as an essential part of village life. The blacks who arrived in Brazil in an inhuman way, resorted to singing and dancing to keep their culture and identity alive, they only had their bodies and their memories. The body through dance is a way of telling the story of this people. Dance movements represent resistance, cultural self-assertion, tradition, attitude, fun, report and recall historical facts. Religion is also expressed through dance as in Candomblé. The orixás dance for the strength and relationship of their daily lives, having nature as their central element. They dance barefoot to maintain the tradition of respect for the land. In Afro dance, rhythm is fundamental, as it transmits the movement of life as if it were the heartbeat. It moves the body as the heart moves the blood, for sound is vital for dancing and the heart vital for life.

### **KEYWORDS:**

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1.....

### SUMÁRIO

#### 1. JUSTIFICATIVA

##### O MOVIMENTO DA VIDA EM MINHA TRAJETÓRIA

O movimento da vida é um trabalho inspirado na minha relação com a dança, como ela fez parte da minha vida e influenciou diretamente na minha formação pessoal. Eu cresci no bairro Araçá que antes de se tornar bairro fazia parte do bairro de São Geraldo, onde a família da minha avó materna foi uma das primeiras famílias do bairro e participou da criação de tudo, da construção da igreja de São Geraldo, da fundação da Escola de Samba Unidos de São Geraldo, que antes era o bloco do Anu, e da criação do grupo de inculturação, Raízes da Terra.

Na história da Escola de Samba, essa família já teve cinco portas-bandeiras, uma porta-estandarte (quando era ainda bloco), destaques, madrinhas de bateria adultas e mirins, percussionistas, coordenadores, mestres de bateria e principalmente o que minha avó sempre amou ser, baiana. Quando eu era criança, ela até me fez desfilar de baianinha ao seu lado e foi ela mesma que me ensinou a amar esta escola de samba, sendo esse um amor acompanhado de respeito, que é passado de geração a geração dentro da nossa família. Minha mãe mesmo fala que eu já comecei a desfilar dentro do ventre dela, daí não parei mais. Já fui quase tudo dentro da escola de samba, como destaque de chão, destaque de carro, desfilei na ala das crianças, baianinha com minha avó (como já citei), porta-bandeira mirim, madrinha de bateria e na comissão de frente e hoje posso dizer que encontrei o meu lugar dentro da escola, na comissão de frente. No ano de 2019, em parceria com um amigo Augusto Faria, fomos coreógrafos da comissão de frente e ganhamos o Estandarte Del Rei de melhor comissão de frente do carnaval e, nesse mesmo ano, em comemoração ao aniversário da Escola, recebi um troféu de homenagem.



Montar uma coreografia onde cada gesto tem que ter um significado, cumprimentar o público, reverenciar a sua escola de coração e apresentá-la na avenida, mas sem se esquecer da proposta do carnavalesco e do samba enredo foi um sonho realizado. Outra experiência marcante, dentro da escola de samba que eu tive, foi ser porta-bandeira mirim, quando minha prima lara, que era a porta-bandeira oficial, me ensinou, e eu tinha em torno de doze anos. Representar o pavilhão da escola é uma sensação de orgulho, pois não é somente rodar junto com o mestre-sala, é saber bailar juntos, como se fossemos um só em um só movimento, em uma só dança para apresentar para público seu pavilhão, com todo respeito e amor. Como diz minha prima Elaine, que é a atual porta-bandeira oficial da escola:

*Ser sambista fiel é isso, você se entrega na dança e tudo se torna mais fácil. Cada movimento novo que consigo fazer com a minha bandeira deixa a minha dança ainda mais envolvente. (ELAINE AZEVEDO)*

A emoção e o amor de desfilar representando a Unidos de São Geraldo se resume na introdução de todo samba enredo da Escola:

*“Eu sou um sambista fiel, e muito orgulhoso eu sou  
Eu sou da vermelho e branco, sim Senhor!”*

Como minha família teve influência na formação da Escola de Samba, minha mãe também foi a responsável pelo meu contato com o grupo Consciência Negra, hoje conhecido por Grupo de Inculturação Afro Descendentes Raízes da Terra, juntamente com a Dona Vicentina Neves, foi uma das fundadoras do grupo e quase toda minha família já participou dele.

Eu tinha aproximadamente quatro anos quando minha mãe começou a me levar para as reuniões do grupo que tinha como projeto a procurar nossas raízes para nos identificar como negros. No começo era tudo bem simples, as roupas eram pedaços de chitão que enrolávamos no corpo e fazíamos várias trancinhas no cabelo, as reuniões eram feitas no Salão de São Geraldo, e sempre tinha muito batuque, muito samba e nós, as crianças, adorávamos porque sempre subíamos no palco para ficarmos dançando.

A partir disso se formou um grupo infantil de dança dentro do grupo. Nossas primeiras apresentações eram na Praça de São Geraldo durante a festa de Nossa Senhora do Rosário, promovida pela Associação de Congado Santa Efigênia em parceria com o grupo de Inculturação. Aos poucos ganhamos mais e mais espaços através da dança dentro do grupo e a Dona Vicentina Neves me deixou como uma

das responsáveis pelas coreografias das danças. Nós fazíamos um trabalho de divulgação, valorização e conscientização da cultura negra através da dança. Começamos a receber convites para apresentações em escolas, festas religiosas e culturais na cidade, no teatro Municipal e até no Inverno Cultural realizado pela UFSJ, além de cidades vizinhas.

As apresentações eram o momento de assumir nossas raízes e mostrar com orgulho que somos afrodescendentes, dançávamos ao som de um dos cânticos entoados por alguns grupos de congado, cujo próprio refrão dizia:

**“Eu sou negro sim  
Como Deus criou  
Sei lutar pela vida  
Cantar liberdade  
E gostar dessa cor  
Nasci livre e fui feliz Lá na África querida  
Partilhando os dons de Deus  
Festejando o Deus da vida”**

A dança também fazia parte das celebrações religiosas. O grupo realizava missas inculturadas onde tinha muita música, muito batuque, dança, comida e roupas características e participar do grupo de inculturação foi de grande importância para o meu interesse pela cultura negra, pois através dele aprendi e conheci os ritmos, as vestimentas e também um pouco da doutrina das religiões de matrizes africanas, como o candomblé e a umbanda.

Mesmo sendo católica, me encantei com toda a mística que envolve as histórias dos orixás, a relação que cada um tem com os elementos da natureza, com as cores. Como cada orixá tem sua própria personalidade e características específicas e como eles traduzem tudo isso através dos movimentos da dança.

Certa vez, fui convidada por Dona “Ginica” que é mãe de santo de um terreiro no bairro de São Geraldo e na época também era integrante do grupo de Inculturação e da Associação de Congado Santa Efigênia para uma festa em seu terreiro. Era a sua saída de santo, o término de um período no qual ela ficava recolhida para as práticas de sua doutrina e saía para se apresentar à comunidade. No princípio, confesso que fiquei com medo e assustada, pois o terreiro sempre foi visto como um local de maldade, mas me lembrei de tudo que era ensinado dentro

do grupo sobre a cultura de matriz africana e foi um momento lindo onde tive o primeiro contato direto com a dança dos orixás.

Ela saiu com uma roupa toda amarela, e vários acessórios, referentes a sua Orixá Oxum. Em transe ela se movimentava por todo o espaço dançando, às vezes como se estivesse se banhando, outras como se admirasse no espelho. Cada movimento de seu corpo acompanhava o ritmo dos batuques e as cantigas próprias do Orixá. Foi realmente maravilhoso!

O movimento da vida traduz toda minha vivência, de como a dança sempre esteve presente na minha vida, de como eu amo dançar. Meu antigo professor de dança contemporânea Nando Arruda uma vez me disse que ficava encantado de como eu era tão tímida durante as aulas e nos ensaios; e me transformava durante as apresentações. Acho que é a magia da dança, quando dançava me esquecia de tudo só pensava naquele momento, fazer o melhor para transmitir a mensagem através dos movimentos propostos.

Era a melhor sensação do mundo, subir no palco e se apresentar através da dança e saber que através dos movimentos da dança se pode contar toda a história de uma pessoa e de todo um povo é impressionante.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 A INFLUÊNCIA DA CULTURA AFRO NO BRASIL**

A cultura africana chega ao Brasil junto com os africanos pelo tráfico de escravos, no período do Brasil colônia. Os negros vieram substituir o trabalho dos índios. Eles vieram de várias regiões da África. De acordo com Ellmerich (1987, p. 109) “(...) as culturas que mais contribuíram para a arte popular brasileira foram a sudanesa (ioruba, nagô, jeje, etc.) e a bantu, trazidas por intermédio dos negros de Angola, Congo e Moçambique.”

Em 13 de maio de 1888 foi sancionada a lei da Abolição da Escravatura, a Lei Áurea que pretendia acabar de forma definitiva com a escravidão no Brasil e foi precedida por uma série de outras leis, que foram começando a libertar as pessoas escravizadas de forma gradual e sem indenização. Estas leis retiraram os poderes

da aristocracia rural, como a Lei Eusébio de Queirós (1850), a Lei do Ventre Livre (1871) e a Lei dos Sexagenários (1885).

Rui Barbosa, então ministro da fazenda, em 14 de dezembro de 1890, assina o decreto que autorizava uma grande fogueira para queimar todos os documentos relacionados a vergonhosa história do tráfico de escravos no Brasil, no intuito de eliminar todo o fragmento da história brasileira.

“[...] depois do fim da escravatura as elites brasileiras buscavam eliminar nossos laços com as culturas africanas e os sinais de afrodescendentes entre nós sonhando com o branqueamento da população.” (SOUZA, 2008, p.140)

Nesta tentativa de eliminar e esquecer a escravidão negra da história do país, boa parte da história dos negros que aqui chegaram foi perdida, queimada. A partir do século XX as expressões culturais começaram a ser, parcialmente, aceitas e admiradas pela elite brasileira como expressões artísticas. No cenário político, o governo da ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas desenvolveu políticas de incentivo do nacionalismo nas quais a cultura afro-brasileira encontrou caminhos de aceitação oficial.

Em 9 (nove) de janeiro de 2003, o presidente da República sancionou a Lei federal nº 10.639/2003, que instituiu a obrigatoriedade do ensino de história da África e da cultura afro-brasileira e, em 2004, o conselho Nacional de Educação aprovou o parecer que propõe as Diretrizes Curriculares para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e cultura Africanas e Afro-brasileiras, diretrizes emitidas em complementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

Toda essa história do povo negro influencia diretamente na formação cultural brasileira. De acordo com as autoras Aparecida Paschoalotto Alves e Cleusa Erilene dos Santos Cacione (2014) podemos concluir que,

(...) enfim toda nossa cultura tem um pedaço da África. A vinda dos africanos, trazidos de vários pontos da África, para viverem como escravos, trouxe também sua cultura, religião, comidas típicas, músicas, vestimentas, etc. e contribuiu para que esses elementos fossem inseridos em nosso país. (ALVES; CACIONE, p.4, 2014)

Os negros deixaram fortes traços da cultura africana que podem ser encontrados hoje, como na música, através do samba, que se tornou o ritmo da principal festa popular brasileira, o carnaval. Na capoeira que é um jogo atlético, que os negros usavam para buscar sua libertação. Na culinária, com vários tipos de pratos como a feijoada, acarajé, vatapá, angu, pamonha e outros. Na religião, com os festejos, cultos como umbanda e candomblé, na literatura, na língua, na dança e entre várias outras áreas.

Mas ainda é uma luta constante para aceitação e ascensão da cultura de origem africana na sociedade até hoje. Pois o Brasil mesmo sendo um país rico em diversidades, ainda é um país preconceituoso e que desconhece sua própria história.

## **2.2 DANÇA AFRO BRASILEIRA**

A dança afro surgiu no Brasil no período colonial e foi trazida por africanos retirados do seu país de origem para realizarem trabalho escravo em solo brasileiro, registrada primeiramente na composição de religiões africanas e começou a se fortalecer em meados do século XIX com a ajuda de dois povos de origem africana, os sudaneses e os bantos e com os indígenas; que foram os responsáveis pela criação do Candomblé e de outros segmentos regionais que deram origem a dança dos caboclos e outros aspectos da cultura africana.

Essa dança se constitui de símbolos, signos e é uma forma de comunicação, através da música, religião e a vida social. A terminologia “dança Negra” surgiu entre as décadas de 50 e 60 nos Estados Unidos e segundo Robatto (1994, p. 56) “as danças de origem africana refletem uma sociedade tribal, onde há maior integração social. Uma sociedade voltada para a natureza (animismo). Uma tentativa de representar a força telúrica, a garra e a alegria de viver.”

No cenário mundial um dos nomes fundamentais para a profissionalização da dança negra foi Katherine Dunham que atuou nos palcos nos anos 30 e 40, trazendo inovação ao que se conhecia a respeito de danças africanas e de descendentes. Em 1950 visita o Brasil, a convite do Teatro Experimental do Negro (TEN), criado em 1944, por Abdias do Nascimento como projeto de ações de educação, arte e cultura, na consigna de luta pela valorização e cidadania do negro.

Com o convite para o 1º congresso do Negro Brasileiro, como representante da dança, Dunham revelou a existência de uma dança negra com a construção de um fazer artístico com o posicionamento político. Colaborou de modo a denunciar o racismo no Brasil, pois foi vítima do preconceito racial ao ser impedida de se hospedar em um hotel cinco estrelas em São Paulo e convida a bailarina e coreógrafa Mercedes Baptista; primeira bailarina clássica negra brasileira, que passa no exigente concurso e faz parte do corpo de baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro; para estudar em sua escola, em Nova York. Assim Mercedes começa a desenvolver uma dança negra brasileira no Rio de Janeiro e ao mesmo tempo se une à militância do TEN. Em seguida, cria o Balé Folclórico Mercedes Baptista, formado por um corpo de bailarinos negros, com o objetivo de pesquisar e divulgar a cultura negra e afro-brasileira, que obteve excelente repercussão nacional e internacional.

De acordo com a autora Edileusa Santos, os códigos de movimentos da Dança Afro, em comparação com o Balé Clássico, são diferentes por representarem mundos opostos.

(...) nas danças do Candomblé: os pés se movimentam livremente, seguindo a linha dos quadris e quase nunca se voltam para fora, em acordo com o ritmo do Tambor; ao dobrarem-se os joelhos, os pés se mantêm quase sempre paralelos, seguindo a linha natural dos quadris; o tronco é fonte vital, ora mexendo em círculos sensuais, ora ondulando de cima para baixo e ora dobrando-se bruscamente ou mesmo explodindo em espasmos contínuos; os braços, assim como os pés, têm movimentação livre, correspondendo ao arquétipo e performance de cada divindade. (SANTOS, p. 50-51, 2015)

Os movimentos do corpo seguem o ritmo da batida do tambor, em uma linguagem corporal correspondente aos orixás e sua estética e desta forma o corpo se torna um elemento fundamental para a dança afro-brasileira. Como afirmam os autores Joenir Antônio Milan e Claudiana Soerensen (p. 5, 2011) “a dança afro não tem um sentido próprio único, pois sempre ligada a um culto e a música, assim tem relação com a religião e com a arte.” A dança afro-brasileira é uma expressão muito forte da cultura e da arte do povo negro presentes no Brasil.

A LEI Nº 11.395/2022, originária do Projeto de Lei nº 346/22, de autoria da vereadora Macaé Evaristo, aprovada e sancionada, decreta o "Dia da Dança Afro"

no âmbito do município de Belo Horizonte, a ser comemorado no dia 27 de junho. A data de comemoração é a data do nascimento da pioneira desta cultura no Estado de Minas Gerais, Marlene Silva, nascida no Bairro Concórdia, em Belo Horizonte. Sendo uma forma de homenagear a sua memória e reconhecendo sua história de vida e toda contribuição artística cultural.

Ela foi a pioneira da dança afro no Estado de Minas Gerais. Bailarina, coreógrafa, pesquisadora e professora com mais de quatro décadas de carreira. Ela também foi responsável por perpetuar no nome do Estado e da Cidade de Belo Horizonte no mundo da dança afro, em âmbito nacional e internacional. Atuou como coreógrafa no filme "Xica da Silva", de Cacá Diegues, rodado em Diamantina. Em 1970, passou a dar aulas no estúdio de Dulce Beltrão, em Belo Horizonte. Em 1980 montou sua própria escola de dança, no bairro Santo Antônio, e fez história na capital mineira com o espetáculo "Raízes da nossa terra". Ela também sofreu inúmeras vezes com o racismo durante os seus trabalhos, mas se consagrou enquanto representante da Dança Afro. Faleceu no dia 13 de abril de 2020.

### **2.3 DANÇA DOS ORIXÁS**

A dança é uma ação integradora, socializadora e confirmadora de vínculos hierárquicos dos terreiros e destes com as categorias sagradas de deuses e ancestrais, além de incluir o indivíduo no complexo sistema simbólico do terreiro. Não basta apenas saber dançar ou conhecer a dança, pois para além do conhecimento dos passos específicos, postura corporal, gestos e olhares nos rituais religiosos do candomblé, a dança dos orixás está relacionada com os saberes relativos às folhas, às músicas (vocal e instrumental), às indumentárias, às comidas, aos significados das formas, às cores, ao vocabulário, às histórias e mitologias. Todos estes elementos fluem e refluem em harmonia para a construção da dança e do corpo.

Desta forma, o corpo é uma das muitas possibilidades expressivas no âmbito social e religioso de matriz africana. A dança busca se estabelecer através da repetição e da transmissão de conhecimento, além do extenso aprendizado vivencial.

Pode-se dizer que a dança ritual religiosa é uma relação entre homem e divindade como afirma Jorge e Raul Lody no livro Danças de Matriz Africana-Antropologia do movimento:

A propriedade virtual da dança ritual religiosa está na correlação homem-divindade, na expressão pública em que se manifesta o deus, o antepassado como herói, guerreiro, rei, caçador, ou ainda concentrando elementos imemoriais arquetípicos das águas, do fogo, dos ventos, da vida e da morte. (SABINO; LODY, p. , 2011)

Essas danças seguem diferentes modelos étnico-culturais africanos chamados de nações de candomblés, sendo as principais kêtú-nagô (yorubá), jeje (fon), angola-congo e moxicongo (banto). Estas nações chegaram ao Brasil trazendo alguns saberes tradicionais africanos, fazendo a junção das memórias ancestrais a memórias afro-brasileiras. As coreografias são construídas a partir das memórias remotas que durante a dança, buscam fortalecer a identidade mítica, a identidade individual de quem dança e a identidade coletiva do terreiro.

O Santo (como é chamado o Orixá) através de sua iaô (simpatizante ou adepto) realiza diferentes danças que demonstram quem ele é, a sua história mítica e o seu papel na natureza e no mundo. De acordo com os autores Jorge Sabino e Raul Lody

Dançar para o santo, ou simplesmente dançar, nesse contexto da comunidade/ terreiro, significa o mesmo que ritual religioso em seu aspecto público. Dançar para o santo, nessa perspectiva complexa e plural do sagrado, é realizar as coreografias previamente construídas, rigorosamente construídas, como em qualquer outro sistema coreográfico, que é distinguido, também, pelas habilidades artísticas de quem dança. (SABINO; LODY, p. , 2011)

Desta forma existe todo um valor litúrgico dentro de cada coreografia, um complemento sagrado no processo vivo e dinâmico que é o culto dos orixás. Além de serem coreografias descritivas, teatralmente dramáticas e de uma rica expressão estética.

Pode-se perceber na dança de Xangô, que dança como se lançasse raios pelas mãos; Iansã, com os braços abertos, espanta os ventos e promove as tempestades; Ogum dança como se lutasse com o seu facão; Oxóssi dança caçando; Oxumaré, representando a serpente Dã (Dan) - o princípio da mobilidade do mundo; Oxalufã, Oxalá velho, dança lentamente apoiado em seu cajado, o Opaxorô.



As primeiras experiências com a dança ocorrem pela observação voluntária e pela imitação e o domínio do corpo e do conhecimento sobre as danças começam através de um processo de iniciação em uma pedagogia do sagrado. O dançar tem grande importância educacional pelo conjunto de conhecimento que estão reunidos às compreensões ampliadas das próprias matrizes culturais africanas.

No caso do candomblé, as danças devem ser cumpridas de forma correta e sempre adequada ao rigor e ao saber prescrito pela própria organização do terreiro. As danças traduzem fatos oriundos da natureza, acontecimentos históricos ou, ainda, a dramatização da síntese da vida de uma divindade.

#### **2.4 A IMPORTÂNCIA DA MULHER NA DANÇA DOS ORIXÁS**

Nos modelos étnico-culturais yorubá e fon as mulheres ocupam um lugar privilegiado no poder hierárquico, na vida religiosa do candomblé. Existem muitos terreiros dirigidos por mulheres e elas possuem funções especiais na ordem do poder dessas comunidades, pelo fato de que o poder feminino se estabelece na cozinha, por meio do conhecimento das receitas e dos cardápios dos deuses e, principalmente, pela dança.

A dança além de ser comunicativa e teatral, realiza sua função educativa na transmissão das histórias e se aproxima fisicamente o sagrado do corpo de quem dança, por isso o saber dançar é antes de tudo uma prerrogativa de poder. O gênero feminino dentro do âmbito religioso tem essa grande importância através do papel de mãe. Porque cabe à mulher a responsabilidade pela transmissão da cultura e das memórias que fazem o sentimento de pertencer de um povo. Tudo isso reforça a importância do papel da mulher no poder social e religioso.

#### **2.5 DANÇA DE OXUM**

Oxum é um orixá feminino e também o orixá das águas doces, riachos e das cachoeiras, mãe da riqueza, do amor e da prosperidade. Ela é considerada um símbolo de beleza, fertilidade e protetora dos recém nascidos, até que se tornem independentes. Também é sereia, metade mulher e metade peixe e, às vezes, assume a forma de pássaro da noite, por isso ela também é vista como um ser misterioso, uma feiticeira.

O ijexá de Oxum tem passos delicados, macios e suaves que transmitem sua doçura e sua sensualidade, conhecido também como o sapatinho de Oxum. O banho de Oxum pode-se dizer que é uma “dramatização” como cita Jorge Sabino e Raul Lody no livro de Danças de Matrizes Africanas, onde Oxum se banha; em cenas onde se lava, se penteia e se perfuma; com uma roupa própria com ampla saia sobre várias anáguas engomadas geralmente brancas exibindo bordados e rendas.

Durante a dança a pessoa que está representando Oxum se ajoelha e com as mãos em formato de concha carrega água em direção ao seu tronco e cabeça fazendo movimentos com os ombros como se tivesse se banhando. Enquanto isso 3 (três) ou mais pessoas abrem sua saia pelas pontas lembrando um espelho d’água. Depois ela faz movimentos que representam o ato de colocar suas jóias como colares, pulseiras, anéis e seu “adê” (sua coroa). Terminando assim o seu banho. Ela também, várias vezes, durante sua dança, admira seu reflexo em seu espelho, o Abebé. Representando sua vaidade, pois ela é um orixá que busca cuidados com seu corpo para preservar sua beleza, pois tem na sua estética sua maior arma de sedução, com a qual encantou vários orixás como Oxossi, Ogum, Xangô e Oxalá.

### **3. REFERENCIAL ARTÍSTICO**

#### **3.1 MESTRE VITALINO**

Vitalino Pereira dos Santos (1909-1963), mais conhecido internacionalmente por Mestre Vitalino, nasceu no sítio Campos, próximo ao Alto do Moura, no dia 10 de julho de 1909. Começou a moldar aos seis anos de idade com as sobras de barro de sua mãe. Ele começou a fazer o que ficou conhecido como “Loiça de Brincadeira”: bois, vacas, burros, cachorros para as crianças brincarem.

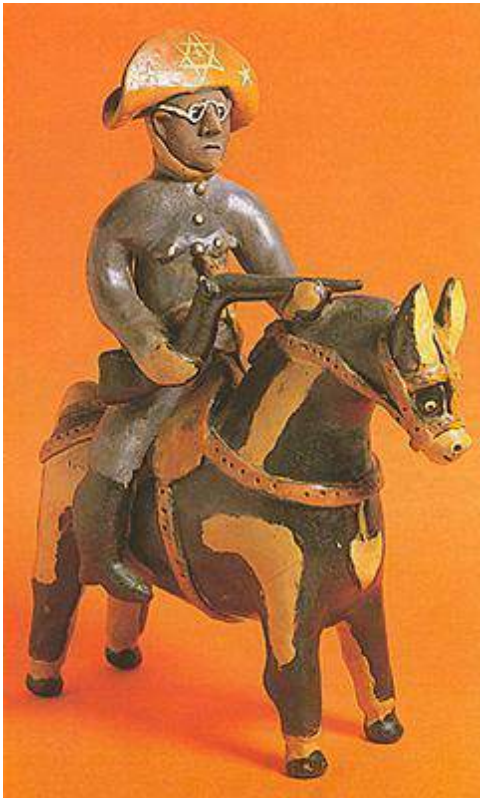
Seu primeiro trabalho, retratava um gato maracajá “trepado” numa árvore, acuado por um cachorro e um caçador. Trabalho que foi levado para a feira de Caruaru e teve venda rápida e fácil, a partir daí, a cerâmica figurativa ganhou mais espaço.

Em 1930, Mestre Vitalino já tinha seu estilo definido. Criou 118 temas com milhares de peças produzidas, entre elas “O Violeiro”, “O Trio de Pé de Serra”, “O enterro na rede”, “Cavalo-marinho”, “Os noivos”, “Casal no boi”, “O caçador de onça”, “A família lavrando a terra” e “Lampião e Maria Bonita”. Seus trabalhos foram apresentados na Exposição de cerâmica de Pernambuco realizada no Rio de Janeiro, em 1947, e um ano depois, Mestre Vitalino se muda do Sítio de Campos para o Alto do Moura.

Ao expor seus trabalhos no Museu de São Paulo (MASP) em 1949, sua obra atingiu projeção nacional e em

Sua obra atingiu projeção internacional de 1948 até o ano de sua morte 1963.

No ano de 1955, seus trabalhos foram expostos em Neuchâtel, na suíça, na exposição “Arte Primitiva e Moderna Brasileiras”. Seu trabalho é de grande importância que estão expostas atualmente, nos Museus de Arte Popular (Recife), Casa do Pontal (Rio de Janeiro) e no Louvre (Paris).



Reprodução fotográfica Rodrigo Lopes

Reprodução fotográfica Anibal Sciarretta

## 4.2 JAN ARAÚJO

Filho do ceramista Jotacê, um dos maiores ceramistas e prestigiados artistas baianos, Jan iniciou vendo o pai desenhando e junto com os irmãos começou a desenhar. Desde pequeno vendo o pai trabalhar e por escolha própria começou a ajudá-lo junto com seu irmão. Com 13 anos vendeu sua primeira peça.

No começo ele e o irmão não assinavam as peças, colocavam Jotacê, mas o próprio pai os orientou a colocar seus nomes para começarem a ser reconhecidos. Aproximadamente, aos 20 anos se afastou da cerâmica, retornando tempos depois, após um conselho:

*“Jan, faça o que você gosta mesmo se você não ganhe dinheiro, você precisa fazer o que você ama”.*

No retorno à cerâmica ele não teve reconhecimento, não tinha o retorno desejável. Sua última tentativa foi em uma “rodada de negócio”, onde conheceu um ceramista de Maragojipinho, que deu todo o apoio que ele precisava. Durante essa feira ele vendeu todas as suas peças e teve muitos pedidos. Conheceu também um lojista que levou suas peças para cenografia da rede Globo, como o Santo Dias Gomes que foi encomendado pela produção de arte de Saramandaia. Criou também seis peças para a galeria da personagem “Helô” da novela Lei do Amor.

Seu trabalho é todo manual com rolinhos e placas, ele vai moldando e dando forma à peça. Não utiliza esmaltes e sim corantes especiais. Hoje ele trabalha com cores mais fortes, mas prefere cores foscas e o único equipamento que utiliza é o forno elétrico. Jan Araújo é um dos representantes da cultura popular brasileira.



Foto do arquivo pessoal de Jan Araújo



Foto: TV Globo/Saramandaia

## 5. TRABALHOS ANTERIORES

### 5.1 - BAILARINA AO VENTO

Painel cerâmico desenvolvido para a disciplina de Modelagem Bi e Tridimensional com a técnica de placa e modelagem livre no ano de 2016.



Foto: Acervo pessoal

## 5.2 O SOM QUE ME FAZ GIRAR

Escultura desenvolvida para a disciplina de Fundamentos da Comunicação no ano 2017.



Foto: Acervo pessoal

## 5.3 Série Luminárias Oxum

Desenvolvidas para a disciplina Prática de atelier II no ano de 2018

### 5.3.1 O amor materno de Oxum



### 5.3.2 Oxum na cachoeira



### 5.3.3 Oxum guerreira



Foto: Acervo pessoal

## 6. TRABALHO FINAL

### 6.1- SÉRIE OXUM

#### 6.1.1 A DOÇURA DE OXUM



Técnica usada: cobrinhas, placa e modelagem livre

Argila retirada de uma perfuração de um poço tubular artesiano na cidade de Santa Cruz de Minas.



Usei a técnica de cobrinhas para fazer a saia da peça.

Abri uma pequena placa e a fechei com um pedaço de papel dentro para dar formato ao tronco.



E depois colei com a técnica de costura.



Abri uma placa e tirei a  
impressão de um bordado



Com a base da peça já mais firme colei a placa  
com a impressão por cima da saia.



Preparei uma pequena porção de argila e papel amassado para modelar a cabeça e a coroa.



Modelei também o laço e as fitas.



Com a peça mais firme colei a cabeça.



e colei também o laço e as fitas.



Por último fiz várias bolinhas para fazer o chorão no rosto da peça.

Depois de acabada, pintei a peça com engobes amarelo e branco.





### 6.1.3 O BANHO DE OXUM

Técnica usada placa e modelagem livre

Argila retirada de uma perfuração de um poço tubular artesiano na cidade de Santa Cruz de Minas



Com a técnica de cobrinhas define o formato da saia.



Com a mesma técnica fiz toda a saia.



Abri uma pequena placa e coloquei papel amassado para ajudar na estrutura do tronco.



Depois de modelar o tronco e os braços, usei a técnica de costura para colar o tronco na saia.



Enquanto esperava a peça secar um pouco. Abri uma placa e fiz a impressão de um bordado para fazer a saia de cima da peça.





Com a mesma técnica do tronco fiz a cabeça e a coleí com a técnica de costura. Com a peça mais seca fiz várias bolinhas e coleí no rosto para dar o formato do chorão.



Depois de finalizada, pintei a peça com engobe amarelo branco e azul.





### 6.1.3 A BELEZA DE OXUM

Técnica usada placa e modelagem livre

Argila retirada de uma perfuração de um poço tubular artesiano na cidade de Santa Cruz de Minas



Com a técnica de cobrinha dei o formato inicial da saia.



Com a mesma técnica finalizei toda a saia.



Com uma porção de argila e papel amassado, modeliei o tronco e os braços.



Com a saia mais firme colei o tronco com a técnica de costura.



Abri uma placa e tirei a impressão de um bordado e com a base da peça mais firme colei a placa com a impressão por cima da saia.



Com a mesma técnica que fiz o tronco, fiz a cabeça.



depois de modelar a cabeça, eu a coleí com a técnica de costura. Também modelei e coleí o espelho em uma das mãos.



Finalizei a peça colocando sua coroa e fazendo bolinhas e as colando para dar formato ao seu chorão. E depois pinteí com engobe nas cores amarelo.







#### 6.1.4 O ROSTO DE OXUM

Técnica usada: placa e modelagem livre  
Argila Terracota



Abri uma placa com ajuda do rolo de pau e coloquei no molde de gesso apertando a massa para que encaixasse em toda forma.





Retirei do molde e tirei os pedaços de gesso que ficaram na massa modelada



Coloquei uma toalha para firmar a peça. e modelei a parte que simboliza a água.



Depois modeliei as miçangas do chorão e parte do cabelo.



Modeliei a coroa, depois pintei a peça com engobe nas cores amarelo, azul e preto.





## 6.2 COMO UM SÓ

Técnica usada modelagem livre

Argila Terracota



Fiz uma base  
maciça, onde na  
sua parte superior  
se divide em duas  
pontas



Em uma das pontas modeliei o tronco de uma mulher e no outro o tronco de um homem.



Depois de a peça ficar mais firme, modeliei os braços e a bandeira e pintei o cabelo com engobe preto.



### 6.3 GIRA BAIANA

Técnica usada placa, cobrinha e modelagem livre.

Argila Marfim



Com a técnica de cobrinha eu fiz a base da saia.



Abri algumas placas com tiras, para fazer os babados da saia.



Com a técnica de costura colei todas as tiras na saia.



Modelei o tronco e os braços e colei na base da saia.



Enquanto a peça secava um pouco para ficar mais firme, modelei a cabeça e os acessórios do arranjo da cabeça.



Depois de colar a cabeça e o arranjo, modelei os detalhes da parte de cima da roupa com pequenos pedaços de placa.



Peça finalizada aguardando secagem para queima de biscoito







#### 6.4 NO BALANÇO DA SAIA

Técnica usada cobrinha, placa e modelagem livre

Argila retirada de uma perfuração de um poço tubular artesiano na cidade de Santa Cruz de Minas



Com a técnica de cobrinha fiz todo o formato da saia.



Com a mesma  
técnica finalizei toda  
a saia

Abri uma placa para fazer a saia de cima.





Com argila e papel  
amassado eu fiz a  
cabeça e o tronco.



Com duas cobrinhas fiz o detalhe da  
cintura.



Com a peça mais firme colei o tronco e a cabeça.

E finalizei com o cabelo e o acabamento da cintura



Pintei a peça com engobe branco, rosa, marrom, amarelo e azul



## 7. Queima

A queima de biscoito foi realizada no museu do Barro pelos alunos Higor Serpa, Mariana Herrera e Rômulo Pereira do projeto de extensão Museu do Barro, que é

realizado no Centro de Referência da cultura popular Max Justo Guedes.

Onde eu ajudei apenas no início da queima.

A queima durou 8 horas, alcançando a temperatura em torno de 800°.









## **8. PEÇAS FINALIZADAS**

### **8.1 SÉRIE OXUM**

#### **8.1.1 A DOÇURA DE OXUM**

Finalizada com engobe amarelo e cera feita com cera de abelha e óleo de linhaça.





### 8.1.2 O BANHO DE OXUM

Finalizada com engobe amarelo e azul, e cera feita com cera de abelha e óleo de linhaça.





### 8.1.3 A BELEZA DE OXUM

Finalizada com engobe amarelo e cera feita com cera de abelha e óleo de linhaça.





#### **8.1.4 O ROSTO DE OXUM**

Finalizada com engobe preto, amarelo e azul. E uma camada de verniz brilhante.





## 8.2 COMO UM SÓ

Finalizada com engobe preto e cera feita com cera de abelha e óleo de linhaça







### **6.3 GIRA BAIANA**

Finalizada com verniz brilhante





#### **8.4 NO BALANÇO DA SAIA**

Finalizada com engobe amarelo, branco, rosa, azul e marrom. E uma camada de verniz brilhante.





## CONCLUSÃO

A Dança afro é uma das manifestações culturais de grande importância para o resgate da valorização do ser negro, ela é uma das maiores representações da cultura afro e da cultura popular brasileira.

Ela traz consigo a memória de todo um povo, a ancestralidade e traços fortes da religiosidade. Um dos motivos pelo qual a dança ainda sofre muito preconceito.

Realidade que deve ser mudada, através da divulgação, e o fazer conhecer.

E eu encontrei na cerâmica um caminho para mostrar um pouco dessa cultura tão rica que é a cultura afro-brasileira.

## REFERÊNCIA

ALVES, Aparecida; CACIONE, Cleusa. A cultura africana nas manifestações brasileiras: música e dança (samba). Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor Pde Artigos. Cadernos PDE. Paraná. Volume 1. 2014.

LIMA, Mateus Mota de. O Artista do Agreste no Cenário Nacional: A trajetória de Vitalino na (Con)Formação da identidade nordestina. Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA - João Pessoa, 2018.

MILAN, J. A.; SOERENSEN, Claudiana. A Dança Negra/Afro-Brasileira Como Fator Educacional. Revista África e Africanidades, v. 01, p. 1-14, 2011.

ROBATO, Lia. Dança em Processo – A linguagem do indizível. Salvador: CED, 1994.

ROCHA, Darllan Neves da. A arte é para todos: patrimônio cultural, tradição de conhecimento, processos sociotécnicos e organização social do trabalho entre os artesãos do Alto Moura (Caruaru-PE). Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA - João Pessoa, 2014.

SABINO, Jorge; LODY, Raul. Danças de matriz Africana: Antropologia do Movimento. 1ªED. 2011

SANTOS, Edileusa. Dança de Expressão Negra: um novo olhar sobre o tambor. Repertório, n. 24, p 47 -55, 2015.1.

SANTOS, C. M. Iemanjá, uma sereia? O “mito” africano no imaginário de pescadores do Rio Vermelho, em Salvador, da Bahia- Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2013.

SANTOS, Denise Guerra dos. . Danças brasileiras de matriz africana: "quem dança seus males espanta". Revista África e Africanidades, 2009.

SOERENSEN, Claudiana. A dança negra/afro-brasileira como fator educacional. 2011. Monografia (Aperfeiçoamento/Especialização em Ensino da Cult., Artes e Hist. Afro-Brasileira) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

- Documentário Nadir Nobrega. Por uma dança Afro-brasileira.
- <https://www.youtube.com/watch?v=yB1H5jX7q2k>
- Livro: Jorge Sabino e Raul Lody.

Apêndice 1 - Entrevista através de áudio com Jan Araújo

Apêndice 2 - Entrevista com Vicentina Neves, coordenadora do Grupo de Inculturação Afro Descendentes Raízes da Terra..

Apêndice 3 - Entrevista com Celina Batalha, mãe de Santo.

Apêndice 4 - Entrevista com Augusto Faria, integrante e coreógrafo da comissão de frente da Escola de samba Unidos de São Geraldo.

Apêndice 5 - Entrevista com Elaine Azevedo, porta-bandeira da Escola de samba Unidos de São Geraldo.

## APÊNDICE 1

### **ENTREVISTA COM O CERAMISTA JAN ARAÚJO NO DIA 07/06/2019 VIA WATSAPP**

#### **Como foi seu início na cerâmica?**

“Bom meu início na cerâmica...na verdade é assim sou filho de ceramista Jotacê, que é.... hoje já tá com 85 anos, mas, ainda trabalha muito, mora em Lençóis Chapada Diamantina, aí tem ele meu irmão que trabalham, trabalham juntos lá né. Então eu iniciei vendo meu pai, eu era bem pequeno via meu pai desenhando pequenininho, e meus irmãos pequenininhos a gente via ele desenhando, a gente, nós começamos a desenhar também. Através disso sempre vi ele fazendo. Todo mundo pequeno, às vezes mexi ele não deixava muito mexer, para não quebrar. Então mais vendo; até ele, ele. Hoje mesmo ele, ele conta: Nunca botei vocês para trabalhar, deixei vocês livre para que se quisesse seguir isso tá entendendo. Então a gente com esse contato sempre teve..., eu, com 13 anos eu fiz a minha primeira peça que vendeu já fazia algumas coisas pequenas, mas é uma peça que devia ter uns 25 cm mais ou menos, viu que aí eu fiz. Mas a minha iniciação foi isso, junto com meu pai, então desde pequeno sempre fiz alguma coisinha sempre mexi no barro.”

#### **Qual a sua inspiração?**

“É... Ceramista, é mesmo, assim profissionalmente, eu ...devo ter uns....se somar, deixe eu te explicar. É porque eu... eu comecei a vender essa peça com 13 anos, aí a partir disso eu fui fazendo alguma. Ajudava sempre meu pai certo, ele tinha pedido então eu e meu irmão, mas sempre ajudava a fazer. Então no começo a gente até não botava o nosso nome, a gente botava Jotacê, e ele falou, não cada peça que



vocês fizerem vocês podem botar o bota seu nome e bota Jotacê para ter uma referência, entendeu ou só o nome de vocês, vocês precisam fazer o nome de vocês como... como trabalho. Aí isso... trabalhando uns 13,15 anos de idade, eu comecei deve ter ido até 20,20 algumas coisas e depois eu fui fazer outras coisas entendeu. Meu irmão continuou, mas eu...eu saí. Então, eu assim... eu casei, minha esposa não era de lá de Lençóis. Eu vim, que o pai dela me arranjou um trabalho, eu fiz outra coisa foi trabalhar na verdade na loja de um campo de golfe na Costa do Sauipe atendendo, eu fiquei 4 anos e antes disso eu já trabalhava em outra loja de equipamento para trilha. E aí quando eu sair de Costa do Sauipe. E aí eu fui para Feira de Santana, eu comecei a fazer algum trabalho aí, entrei em Corretora de Imóveis e eu fiquei lá assim, só mesmo aprendendo entendeu, só alguns meses. E aí eu voltei para Lençóis e esse dono da imobiliária né, ele falou comigo Jan, faça o que você gosta mesmo se você não ganhe dinheiro, você precisa fazer o que você ama, e aquilo ali para mim eu falei rapaz...esse cara quer me dizer alguma coisa. Aí eu voltei para Lençóis, fiquei um ano trabalhando em outra coisa. E aí é.... meu...minha esposa voltou para feira, eu fiquei mais 6 meses lá. E aí deixei esse trabalho, falei não, vou para feira, mas eu vou fazer o que eu quero nem que eu não tenho nada. Eu tava assim meio cara porque lá em feira às pessoas não me davam um retorno, assim elas não... não valorizavam. E aí teve uma rodada de negócio que meu pai foi convidado, falava já participei dessas coisas para mim não vale a pena, não vou. Meu irmão também não quis ir, e aí ele falou Jan, vai rapaz. E aí eu falei a última vez eu vou fazer isso porque eu já tive várias decepções em feira. Aceitação das pessoas eram uma coisa assim fora do normal. E aí eu falei a última vez que eu vou fazer se não der certo eu não vou trabalhar mais com isso não, vou fazer outra coisa. E aí fui para essa rodada assim, meio receoso, mas conheci um dos ceramistas de Maragogipinho na Bahia também que é uns do..., na verdade é o maior centro de cerâmica da América Latina assim, de pessoas que trabalham, cidadezinha que todo mundo trabalha só com cerâmica. E aí eu conheci ele, ele era presidente da associação lá, uma pessoa maravilhosa, super simples, me deixou assim bem à vontade. Hoje é meu amigão, certo, e foi bem importante também pra mim né. Ele assim me dando apoio, porque ele já vinha de várias rodadas, já conhecia todo mundo, conhecia tudo, e aí enfim, eu fui super, assim as pessoas me colocaram assim: Jan, seu trabalho é muito interessante, muito maravilhoso, há

muito tempo queria entrar em contato com seu pai, mais não conseguia e suas peças estão muito legais. Então assim eu vendi muito nessa feira, eu fiquei com tanta gente que não tava participando da Feira comprou peças comigo eu fiquei satisfeito com isso, tive muito pedido certo, aí foi aí que eu comecei mesmo assim a trabalhar e eu comecei a ter alguma, alguma coisa nessa, nessas rodada. Nessa mesma rodada eu conheci um lojista Marco Quinhentos, depois a gente ficou só conversando durante um ano, ele falou a gente vai conversar e no próximo ano eu quero que você traga uns trabalhos pra mim. Aí a partir disso ai ele colocou peça em novela, certo. Duas novelas que eu participei teve peças minhas, ele que fez isso que ele tinha um contrato com a parte de cenografia com a Globo. E aí foi a partir desse aí mesmo que teve assim uma... deu uma levantada, né mas profissionalmente foi isso eu comecei 5,6 anos trabalhando com meu pai depois voltei e quando eu voltei deve ter uns 10 anos, que voltei a fazer então profissionalmente uns 15... 15, 18 anos mais ou menos.

### **Como é seu processo de produção? Qual técnica que usa?**

Então, o processo de produção é assim eu faço eu modelo elas todas, processo manual certo não utilizo nada de forma, assim para fazer todas as peças mesmo que sejam parecidas até tento sempre tem algo que vai ser igual ou eu coloco algo que seja, seja diferente tá entendendo. Assim uma pessoa me pede o Jan eu quero que seja muito parecida com essa peça. Aí eu faço, mas sempre tem uma coisinha assim... o rosto nunca vai ser igual que é tudo manual mesmo, certo. Tudo que eu faço. E aí os meus passarinhos, eu já fiz, nem tenho ideia, mas entre 500 e 1000 passarinhos acho que eu já fiz e não tem um que seja igual. As outras peças também são todas assim. Então, processo artesanal mesmo, tudo, de cabeça, a mão corpo tudo é feito dessa forma.

O que eu uso para fazer, a forma que eu faço, como modelo. Então uso... assim, normalmente não falo os nomes técnicos, então eu falo como aprendi com meu pai. Meu pai até falou meu filho você precisa estudar um pouco mais você fazer, ser mais técnico, eu nunca tive vontade não. Então assim eu faço os rolinhos ou cobrinhas também não sei, já vi algumas... algumas pessoas falando que encordoamento tem

outros nomes também, não sei se isso muda dependendo da região certo, mas eu utilizo a maioria isso. Ou placa. Pego, faço uma placa, certo. Tento botar dependendo de que peça seja eu utilizo também, mas a maioria é com essa técnica eu vou montando e voltando a forma ali entendendo, essa é a técnica que eu uso por isso que a maioria também faça dessa forma eu acho que é para você fazer principalmente uma pessoa que seja o que precisa, mas mais fácil de utilizar.

### **Usa esmalte, engobes, corantes ou óxidos?**

Eu uso para pintura são os corantes especiais, certo, que compra aqui mesmo em São Paulo. Na maioria... hoje tem muitas lojas, certo. À aparecendo muitas lojas tintas muito boas certo. Tem Hobby, Finarte, é... já utilizei Danca, é um pouquinho mais cara, mas é uma tinta... acho que é até Americana se eu não me engano uma tinta muito boa, deixa eu ver o que mais... tem a Rise também é uma tinta muito boa e aí vou procurando algumas eu faço aqui certo aí vou procurando fazer dessa forma. Mas é eu compro essas tintas. Não uso esmalte. Já fiz até uns trabalhos com esmaltes de...de... que vai até uns 980°, mais eu não gosto não, prefiro uma cor mais... certo hoje em dia minhas conhece minhas cores são até um pouco mais forte, mas isso é mais pela queima, entendeu eu gosto fosco e gosto bem, bem suaves assim as cores, mas às vezes quando me pedem eu faço.

### **Utiliza algum equipamento como torno, plaqueira?**

Utilizo material nenhum, a não ser o forno elétrico. O restante é tudo na mão, de ferramenta que eu faço, a abrir placa, tudo na mão, certo. Vai abrindo, vai tirando as bolinhas ali mesmo com algo fino, e é tudo na mão, certo. É, não tem nada de...de equipamento nenhum. Eu até gostaria de ter alguns para facilitar, certo, mas nada, nada utilizo a não ser o forno elétrico. E não utilizo material nenhum, e assim, na verdade eu nunca... aprendi com meu pai vendo mais, entendeu, ele me dava as dicas e como eu falei ele nunca falou assim: ó vem aqui que eu vou te mostrar como é que se faz, para você fazer que você vai fazer, não, ele sempre deixou a gente livre e cada um escolheu, e eu escolhi. Nós éramos em 4, minhas irmãs também faziam, mais depois seguiram, fizeram... fizeram magistério na verdade que na cidade da gente só tinha o curso de Magistério. Pra você ter outra coisa, você tinha

que sair. Então todo mundo fez o magistério, aí elas entraram mais nessa parte de... de ensino, entendeu. Então ficaram mais... não quiseram fazer... ficar...é serem artistas não. E aí que ficou eu meu irmão e meu pai que ele tá trabalhando e meu irmão também. Meu irmão um ano mais velho que eu. Eu tenho 45 e ele tem 46 e continua lá ajudando meu pai. Meu pai queima em forno elétrico, ele tem um forno elétrico, mas ele queima desde sempre em forno a lenha, e ele mesmo faz, ele mesmo vai lá põe a mão na massa, pega alguém que, que monte. Antes ele fazia, já vi ele mesmo sozinho lá pedir ajuda da gente ele mesmo montar um forno dele, mas hoje ele... quando o forno não tá muito legal e desmancha aí manda um pedreiro faz mas sobre orientação dele viu.

## APÊNDICE 2

### **PARTE DA ENTREVISTA COM VICENTINA NEVES TEIXEIRA no dia 10/07/2019**

Sou mãe, vó, bisa vó, sou mãe solteira e sou uma das fundadoras do grupo de Inculturação Afro descendentes Raízes da Terra aqui do bairro de São Geraldo.

Não foi uma inspiração, Lilian, mas foi, assim uma “resposta” muito grande. Quando a gente veio com um projeto de uma comunidade eclesial de base; que você participou; os grupos de CEB’s, né. Então, quando a gente vai no intereclesial, é o lugar onde a gente tem que tá colhendo propostas e trazendo para nossa vida. Aí eu fiquei com um grupo de afro descendentes, quando eu estive lá no Maranhão, e a gente veio com essa proposta de plantar uma semente, né, que era procurar nossas raízes que era nos identificar como negros e fazer um trabalho. Chegando aqui, já com o entusiasmo dos grupos eclesiais de base, encontro aqui o grupo Moscave, que já existia também há muito tempo aqui em São João del Rei e eu não tinha aproximação ainda. Então comecei a participar com eles no bairro do Tijuco. O presidente era o professor Luiz Ezequiel que todo mundo conhece né, o primeiro vereador negro...daí agente formou um núcleo aqui no bairro de São Geraldo, no qual a sua família quase toda participou (risadas). Você já estava, pequenininha, lá pros seus quatro aninhos, você já estava lá, com um paninho enrolado, a gente não tinha, assim uma indumentária, uma roupa muito chique não, só enrolava um chitão e tava todo mundo dançando... nos reuníamos as 14hs no salão de São Geraldo,

onde tinha muita dança de samba, muito batuque, muito desenho, as crianças gostavam, sempre de subir no palco e ficar sambando...ai a gente começou com reuniões, debates, pessoas da Universidade daqui do campus Dom Bosco vinham dá palestras pra gente, professores e alunos nos acompanhando. Então a gente era rico de conteúdo e tem muita coisa maravilhosa com o caminhar desses anos, fizemos o 1º encontro municipal...o segundo ano a gente já fez com a Universidade, com a professora e os alunos da professora Silvia Cruger com o grupo malungos e nos trouxemos pessoas de fora pra expor o tema também, foi muito rico e nessa época nos trouxemos até os Trovões de Minas de BH e foi uma coisa muito importante, onde aconteceu o primeiro acorda São João que foi muito bacana e que durou 15 anos, esse acorda São João...fazia também a missa inculturada, a festa do Rosário...o grupo chamava se grupo de Consciência Negra, com o passar do tempo teve um dia em uma palestra o professor Fuzzato me chamou a atenção falo, “ Consciência não tem cor, não use essa palavra, consciência negra, é um modo de discriminar. Então a gente o grupo para uma assembleia, a gente tava em 53 pessoas, eu não me esqueço disso, onde a gente colocou no quadro alguns nomes que poderia dar para o grupo, e saiu Grupo de Inculturação Afro descendentes Raízes da Terra. Porque a proposta na verdade era buscar a nossa identidade como afro descendentes da terceira, quarta geração, que seja, mais que a gente tava buscando uma história do passado e fazer presente também, a gente sair de uma área de discriminação e mostrar a cara...a gente fez um casamento afro, né, na igreja de Matozinhos, com a autorização na época do pároco padre Zé Raimundo da Costa, fizemos também a coordenação diocesana da pastoral afro da diocese fizemos vários encontros não só aqui, em Lavras, Piedade, Barroso, fizemos muita coisa boa. E fizemos 12 anos da coordenação da missa inculturada na festa do Divino no bairro de Matozinhos...a gente tá ai com poucas pessoas, né de ombro à ombro, aqueles que começaram, é ainda tenho pessoas que tavam junto, né a Isabel sua mãe, foi desde o começo a gente tem mais de 20 anos de caminhada...a gente veio resgatar nossa identidade, buscar os valores que nossos avó nossas bisavó contavam que é um sacramento. Eu falo que é um sacramento, toda a história contada do nosso povo que não tá no papel mais que é um história... como que fala...oral, essa história é muito importante, a gente sentava na soleira da porta da nossa casa e a avó, o pai ou a mãe começava a contar como era, como que não

é, como que tá sendo o movimento de tudo isso né, porque, antes eu tinha medo de congada, hoje eu sou apaixonada por congada. Então essa movimentação vai trazendo... eu já fui rainha de congado e a gente vai... não é que a gente é obrigado a aceitar, mais a gente vai fazendo o reconhecimento da nossa história dos nossos antepassados, pra que, que veio e que, que sofreram, o que, que restou pra nós e o que, que a gente tem que passar pro nossos jovens, por que a gente tava vendo todo mundo perdido aí, sem história e sem raíze, porque não que nem ouvir. E depois não vai ter o que contar...

Apêndice 3

### **ENTREVISTA ELAINE AZEVEDO, PORTA BANDEIRA OFICIAL DA ESCOLA DE SAMBA UNIDOS DE SÃO GERALDO, NO DIA 15/07/2019**

**Há quanto tempo você é porta-bandeira?**

Entre mirim e oficial, este ano completo 20 anos.

**O que significa para você ser porta-bandeira?**

Ser porta-bandeira me agregou muito em valores. Sou apaixonada pela arte e pela dança. O cortejo do mestre sala me fascina. Ser guardiã do pavilhão da São Geraldo, uma escola tradicional e várias vezes campeã, me torna ainda mais cobrada na avenida. Mas a fascinação pela dança me faz sentir segura e tranquila na hora do espetáculo. Ter a responsabilidade de tirar nota 10 não é fácil, por isso eu tento me divertir e curtir o melhor da dança porque nela eu viajo e quando vejo já passei dos jurados. Já tive vários problemas com sapato, fantasia, mas a dança e o sorriso no rosto me ajudaram a não deixar transparecer.

**Qual a importância do casal de mestre sala e porta bandeira dentro de uma escola de samba?**

O casal carrega o pavilhão da escola, o símbolo maior de uma agremiação, nele são depositados vários corações dos seus torcedores que amam e constroem a escola de samba.

Pelo lado da avaliação de dança é um quesito pesado e já foi até quesito de desempate, inclusive já ganhamos um carnaval com minha nota sendo desempate. Somos dois dançando e sendo avaliados como um só. O casal tem pontos atribuídos entre a indumentária (fantasia) e a dança, cujo cortejo, riscado bailado e empoderamento do pavilhão sendo quesitos de regra.

**Quais são os principais movimentos realizados dentro da dança e o que eles representam?**

Os principais movimentos são: o bailado, o riscado, a leitura de pavilhão, a sintonia do casal e a elegância... movimentos em giro pra porta bandeira sendo o eixo enquanto o mestre sala risca e em sentido horário e anti horário quando o mestre sala a cortejá.

APÊNDICE 4

**ENTREVISTA COM AUGUSTO FARIA COREÓGRAFO DA COMISSÃO DE FRENTE UNIDOS DE SÃO GERALDO NO ANO DE 2019, NO DIA 25/03/2020**

**O que é para você fazer parte da comissão de frente de uma escola de samba?**

O carnaval é uma paixão pra mim desde que me entendo por gente. E como sempre gostei de dança, e por já ter feito aulas de dança, como ballet, jazz e dança de salão, estar em uma comissão de frente onde se usa coreografias misturadas com um toque teatral me encanta muito.

**O que foi para você que já faz parte da comissão de frente da Unidos de São Geraldo a muitos anos, e em 2019 ser convidado a ser coreógrafo?**

A cada ano é uma emoção única, e muito prazerosa. Ao longo dos anos a gente vai aprendendo alguns macetes, aprende com os erros também (rsrsrs) e as fantasias sempre opulentas e bem trabalhadas só deixam os integrantes mais entusiasmados. A adrenalina no caso ,e faz a final de cada desfile querer estar ali de novo no ano seguinte. No ano de 2019 fui pego de surpresa... as coisas aconteceram por acaso, quando o coreógrafo que já vinha nos acompanhando ao

longo dos anos anteriores, não pôde mais continuar. Estávamos com um prazo curto de tempo e precisávamos fazer nós mesmos, para que a escola não ficasse prejudicada. Eu, juntamente com você, talvez pela nossa experiência com a dança ficamos encubidos da missão e o resultado foi muito positivo.

Conquistamos nota máxima de todos os jurados e ainda o estandarte de melhor comissão de frente do ano dentre todas que desfilaram na cidade. Confesso que fiquei surpreso e imensamente feliz com o resultado.

**Para você qual a importância da comissão de frente dentro de um desfile?**

A comissão tem a importância além de apresentar a escola como um todo, e já de cara impactar e prender a atenção de quem assiste, de tentar mostrar através daquela coreografia resumidamente o que os espectadores iriam presenciar no decorrer de todo o desfile.

**Quais seriam os principais movimentos que tem que se ter em uma coreografia de comissão de frente?**

Eu acredito que a reverência ao público, movimentos circulares do grupo e uma boa expressão corporal por parte dos bailarinos e sincronismo são quesitos essenciais.

**E qual sua relação com a Escola de Samba Unidos de São Geraldo? Tem alguma relação pessoal?**

É um amor até difícil de explicar. Vem de família eu acredito. Desde muito novo ao ver a Unidos de São Geraldo desfilarem me causava uma euforia e uma felicidade impressionante. Tenho membros da minha família, principalmente materna, que de alguma forma desde quando a escola ainda era bloco, eram muito participativos dentro da escola, como por exemplo um tio da minha mãe que mora a muitos anos no Rio de Janeiro, mais que compôs os primeiros sambas enredo da escola, mesmo de longe, for a que tenho tio que já foi mestre sala da escola também, minha irmã que desde muito nova desfila pela agremiação e agora minha prima que é atualmente uma das madrinhas de bateria e no ano de 2019 foi a princesa do carnaval da cidade. Somos uma família toda apaixonada pelo vermelho e branco.



## **ENTREVISTA COM IALORIXA CELINA D' OXUM DO EGBE ILE OMIDEWÁ ASÉ IGBÁ LAYO, NO DIA 10/06/2021**

### **Qual o significado do espelho?**

Então a ideia do espelho começa pela relação que ela tem com a água, porque a água também é um espelho. Então quando você olha a superfície de uma água e você se enxerga, você se abre, isso é extremamente profundo. Se você pegar um espelho e se olhar se você se olhar na da água é uma relação com você mesmo com sua interioridade

é e sua capacidade de se transformar, em transformar o que tá a sua volta né então. Então tem a questão também que o espelho é Reflexo né. O que vem para o que você deseja para mim se volta né, eu então assim o espelho tem essa coisa mágica, Oxum é uma feiticeira né, então se ela tá se olhando tá ótimo mas se ela vira sai de baixo; né..

. então então ... assim aí o movimento é só da sedução; mais não é só isso. Então a cada... cada elemento que você vai ter, você vai ter essa...essa multiplicidade de coisas e de interpretações né de análises que você venha a fazer, projeções, metáforas né. Os elementos são metafóricos né, essa é uma outra coisa também, ai você vai falar né o cajado, cajado de pai Oxalá, por exemplo, que é um velho, quanta coisa tá lá pendurado, aí quanta coisa tá dizendo ali né então assim como que você interpreta a cada elemento desse né que vai simbolizar paz vai simbolizar é ... sabedoria, a questão do ancestral do mundo inteiro então assim é muito... é muito profundo é muito ...é muito investigativo né, não é não é uma coisa só daquela descrição como pessoal pega e fala agora isso daí nós estamos começando nessa área de conhecimento não existe isso, ainda não tem, começa a surgir trabalhos assim muito interessante né e cada um vai dando sua contribuição. Então assim, se você pegar todos os orixás pra você fazer isso não tem como. Se você pegar um orixá já era um trabalho muito intenso. Quem dirá se você quiser pegar os 16 orixás

### **Você pode me falar sobre Oxum**

eu posso depois pesquisar mais mandar material que eu tenho alguma coisa; alguma coisa falando sobre o espelho né eu mesmo digo isso né só interessada. É...

vamos lá o que que a gente pode estar falando sobre isso né acho que a primeira coisa a gente tem que ir

sobre essa... sobre essa... sobre essa composição né, o que orixá? porque o orixá na verdade é assim, o orixá para nós né muitas vezes muitas pessoas acham que é uma religião politeísta mas não a gente acredita em um Deus como no catolicismo entende né. Temos um Deus único que a gente chama de Olodumare né.

**Eu li uma vez, que se faz uma comparação na internet né com o catolicismo. Exatamente isso seria o que você tem a imagem de Deus e os orixás seriam como Santos. Isso é uma comparação válida ao seu vê?**

Não pelo seguinte, porque o Olodumare é o criador do universo né, força maior que tem mas por exemplos santos foram pessoas que viveram como mártires de muitos deles é... foram... foram consagrados Santos pela... pela fé pela devoção e pela abnegação de inclusive de serem torturados, martirizados, enfim... em tal tal tal, então esses são santos que viveram, pessoas que viveram e morreram e foram consagradas né. Os orixás são... são nossas... nossos ancestrais né, que são... que nós já nascemos com esses orixás né, desde o momento que nós fomos concebidos né, e eles na verdade são nossos ancestrais que se tornam divinizados e cada um deles tem uma... uma... uma identidade, identificação com uma força da natureza né. E na verdade com essa identificação eles vão trazer para nós uma série de características né a nossa maneira de ser e estar no mundo ela vai ter como prioridade esse... esse orixá que vai falar com a sua cabeça né, mas nós temos então predominância desse orixá que vai nos reger, mas na verdade nós temos todos os orixás, porque nós somos essa composição de água, ar, fogo e terra né, nós temos isso na nossa composição. Então em maior ou menor quantidade a gente tem um pouco de cada orixá né, então por exemplo quando a gente na verdade vai orientar a vida espiritual de alguém de alguém a gente na verdade tenta equilibrar essas forças, né, porque às vezes agente tem o predomínio por exemplo da água, alguém que é muito sensível, que chora demais não raciocina não racionaliza Então você precisa de botar um outro componente de outro orixá por exemplo um orixá

terra que de a essa pessoa um equilíbrio maior, nem tanto tô falando assim quando você tá fazendo uma orientação espiritual para alguém ou ou iniciar o ou fazer alguma oferenda alguma coisa assim para você criar uma energia né Então entendo que assim nós temos vários corpos nós somos compostos compostos de vários corpos né então o nosso corpo ,astral, os nossos corpos não físicos né eles são premiados por todas as forças que estão na nossa volta né, então a ação que a gente tem né, que é uma relação toda... Toda matéria toda... toda... toda física vamos dizer assim, ela é nesse sentido de tá lidando com essa força não física, acho que eu não tô me fazendo entender, porque por exemplo, é... a gente... Nós temos dois mundos, o mundo que a gente entende aiyê e o orum você já deve ter lido isso aí, o aiyê é o mundo não físico né, mas a gente acha que eles não estão separados então o orum tá aqui do lado né, mas tão cheio de dessas dessas energias a nossa volta e como é que a gente faz o transporte de um com o outro nesse exato momento é através do material né, que ele extrai desse desse lado material O que é não material. então por exemplo o cheiro,vibrações né que tão no cheiro que estão na cor que tão no... na... no calor, é no calor que estou falando?! Quer dizer tem haver com os sentidos né. então é assim uma coisa quente uma coisa fria, uma coisa gelada né, As sensações, isso passa para o outro lado, e isso transforma, por exemplo você você está com cheiro Acre, né, ou então você tá com cheiro doce né, então por vezes você você tem uma... uma.. alguma alguma energia densa que o cheiro acre você coloca aquela energia sair né, Então você espanta, como é que você traz uma coisa mais leve né trazendo um bom cheiro o cheiro de que trazem sensações de uma determinada energia positiva né. então você os alimentos né os alimentos tem esse poder não é porque tem a sensação química deles que passa para outro lado. então essas... essas... essas.... essas coisas dos Sentidos é que vão trazendo uma energias, assim Então você vai entender porque que eu tô enviando milho para Oxossi né, porque porque aqui aquele aquele aquele alimento ele traz para esse orixá as coisas que que compõem a energia dele né então a sua mão né que é a sua ...o seu veículo alí tá oferecendo na terra que ele é que vai receber e que na terra está todos os ancestrais e que tem haver com esse orixá, Então você na verdade você tá trazendo para si mesmo porque você tá fazendo uma troca entendeu.Então o orixá é isso né , é essa relação com a força da natureza, mas ele tá trazendo ele não é um santo ele não não tem essa conotação,

por que você tem o seu orixá. Então um orixá nanã é um arquétipo é o orixá da natureza Agora você tem sua nanã vamos supor assim porque é um orixá ancestral seu divinizado que você vai você vai ritualizar, né vai trazer isso na sua composição física, né e a partir disso você se transforma porque você tem uma outra o outro componente é... materializado na verdade e com todas as suas representações porque? porque você quando você tem essa iniciação você na verdade você faz a representação desse orixá dentro da sua casa de santo né, E aí você se comunica todo tempo você vai energizar aquela... aquele fundamento, você vai acender uma vela, que é calor, que é luz né, você vai fazer suas oferendas, enfim dali você vai, o que a gente chama de cuidar do orixá na verdade você vai estar fazendo uma renovação daquela energia, né tanto que eu acho que a primeira coisa importante é você entender essa individualidade né, que aí cada um tem o seu né.

E aí assim alguém que se inicia você justamente Vai jogar com esses equilíbrios, fulano é de oxum mais quem é o outro orixá dele assim você vai fazer uma composição de alguns orixás para poder dar um equilíbrio a vida da pessoa.

**E a questão de você saber quem é seu. Já ouvi falar que tem pessoas que olham o jeito de ser e alguns falam o que é seu orixá quando se joga Búzios, tem essa diferença mesmo?**

Não tem pessoas que assim ela evidenciam bem né no seu Biotipo , as vezes no biotipo né, é... o orixá no comportamento nas coisas que a pessoa faz né mas às vezes a pessoa a pessoa demonstra uma coisa para vocês joga o búzio e aparece outra e às vezes existem dúvidas que você só vai tirar mesmo na hora que você vai arrumar o seu Santo né

**Como vocês fazem para confirmar?**

Ai são rituais que nós vamos fazemos para firmar qual é o orixá mesmo. Que a gente diz que tem briga de cabeça né, mas isso daí é uma é uma coisa interessante porque na verdade nós temos um pouco de todos né, eu por exemplo quando fui

fazer santo né, que eu me iniciei aqui eu arrumei tudo pra ser de yemanjá e eu tenho muito com yemanjá também gente, iemanjá é mãe né. E aí depois a minha avó de Santo jogou e disse essa menina não é de yemanjá é de oxum, ela tem tudo de oxum não sei o que, e realmente eu sou oxum mesmo, mais aí toma de comprar pano branco pano amarelinho, porque tava tudo no branco e no prata né, Ai tive que comprar amarelo, mas aí sempre agrado as duas né Sempre tem uma coisa que tem que lidar com isso

Então assim identificar um orixá as vezes sim tem pessoas que transparecem muito né e outras não, e às vezes tem essa briga aí né. Bom então falando então do orixá aí... aí o que que acontece daí cada orixá dentro do Panorama né da história né ele tem suas maneiras próprias de lidar com os outros então é uma mitologia né como tem a mitologia grega, mitologia romana cada ele tem cada um deles tem seus suas lendas seus feitos, aí você vai entendendo né Toda essa coisa que a gente fala de comportamento de movimento que é o que você tem que você tem que você tá procurando né que vão explicar o porquê daquele simbolismo daquele movimento né isso é uma coisa interessante Porque isso é uma fonte de estudo Nossa, porque quando a gente vai... por exemplo tem as coisas que são ritualistas né só a gente que tá participando vai vê, mais porque você vai assistir Uma Saída uma festa, aí tem já todo um contingente de coisa, uma conjuntura de coisas que fazem parte deste estudo que é...

que é o toque do orixá, a cantiga que você vai cantar para ele e a dança que ele vai interpretar Então todo mundo tem que estudar profundamente isso, por exemplo a gente luta aqui com nossos ogãs para aprender o xerê, mais assim além disso né não tem que saber só o xerê quando se abre tem que saber se aquele orixá, o que quer dizer a dança ele tem que saber tocar já são outras cantigas né E que aquelas antigas são contar quem é que aquele orixá né. O que que... o que que ele representa né, e ele vai apresentar pelo movimento a essa energia que ele tá passando e a gente tá entendendo que ele tá distribuindo um axé uma energia para todo mundo quem tá ali tá recebendo aquela força aqui daquele orixá, é Ogum que vai trazer Adaga proteção, que é guerreiro, que vai tirar tudo que tá ruim vai abrir caminho né movimento do Ogum é que tá ali abrindo caminho está defendendo ele tá mostrando as ferramentas dele a ferramenta de trabalho então assim a pessoa tá ali, Ogum abre... todo mundo tá ali pedindo, po to precisando disso precisando

querendo daquilo... Ogum ! Todo mundo fica assim com a mão, naquela e cada vez que ele faz isso ele tá jogando ele tá lançando jogando né a força que tem com relação a isso. Alguns movimentos eles acabam sendo meio estereotipados, estereotipados no sentido de que vários orixás fazem aqueles movimento. Esse movimento por exemplo de ir pro atabaque né que ele tá dialogando com aquele ataque pra mostrar aquela força que ele tem para mostrar que ele é um guerreiro, vários orixás guerreiros representam as vezes o mesmo movimento né, Oxossi vai ter alguma coisa que Ogum também faz aí tem alguma coisa que Oxalaguiã vai fazer também são considerados guerreiros né então algumas coisas são bastante parecidas às vezes. assim como as yabás também né e que que acontece também cada orixá na questão do seu movimento tem os seus ritmos próprios que são uma outra coisa né. Que Aquele ritmo vai trazer a característica daquele orixá com mais predominância né por exemplo o ijexá, ijexá de Oxum, o ijexá é dela, naquele passo miúdo aquele passo pequeno aquele passo macio assim né, outros orixás dançando o ijexá, dançam mas não com essa característica da dança de Oxum né. agora interessante você pegar também por exemplo dentro da categoria da dança de maneira geral sobre isso né porque a dança em si ela não ela não necessariamente é só figurativa também o que que é uma dança abstrata? O que que é uma dança figurativa? uma dança de abstrata é uma relação que você tem direto com ...como vou dizer... a dança na verdade ela tem que ser uma manifestação é uma linguagem a pensar a dança como linguagem né; então a dança como linguagem ela tem que ser algo que você vá vai trazer de dentro de si uma força uma coisa expressiva. porque dentro da história da dança né, acabou tendo o movimento de mecanização muito grande e de disciplina do movimento né que quando você academizou, padronizou, Que é o ballet por exemplo, mas antes disso as danças tinham todo um componente inclusive cultural

nessa você vai pegar uma história da dança por exemplo de Bulk cher, ah gente eu tinha esse livro. Eu acabei eu acabei perdendo esse livro não sei o como. Por quê Bulk cher foi escrito em Alemão e eu tinha uma versão em espanhol. Nossa mas aí nesse... nesse livro ele vai mostrar essas danças como é que elas surgiram e ele disse, ele sempre fala que a dança era para o propiciatório, movimento ele sempre tem essa colocação de uma relação de comunicação né, ele fala inclusive que os

macacos já dançam com essa intenção alguns momentos de macaco já dançam com essa intenção.

**A gente lembra essas imagens de macacos, mas acaba que é isso mesmo né, a gente não repara não tem a sensibilidade de olhar deste ponto de vista**

assim, é porque se você ver por exemplo a movimentação de macacos mesmo que pula que faz não sei o que dá para ver, se você ritimar, ele é dançante, é como a gente, assim eu tô falando, o tempo inteiro o meu corpo fala, mexo com meu braço tudo, agora se você puser um ritmo eu vou falar entrando naquele ritmo, porque a gente entende que é dança. Por que existe uma relação métrica né isso passa a ter uma relação métrica. mas precisa ser só métrica não, não precisa ser só métrica, eu posso dançar fugindo da métrica de uma música, sem problema nenhum não né. então eles disse assim dependendo de várias coisas né, aquele grupo começa ou se organiza né. Que... que grupo que dança em círculo né, que grupo que dança só que os homens, que dançam só as mulheres, têm outros que só dançam um atrás do outro. e os nossos índios usam muito isso, um ritmo binário né “ham,ham” isso é muito característico do Brasil. E então ele faz uma categorização disso de como as danças são organizadas e ele fala que existe as danças que não tem intenção de dizer algo e tem as que têm intenção de dizer algo né. daí ele fala que essas danças que ele chama de figurativas né. tem as abstratas que é o movimento pelo movimento é o ritmo e é a dança né, se eu tô numa boate né, Eu tô nisso assim a música tá cantando e eu to lá movimentando meu corpo quero movimentar meu corpo com o ritmo, a energia né, eu to lá, pá, pá. Eu tô lá né não tenho intenção de está dizendo nada né. Agora... ele fala que por exemplo quando entra no período paleo neolítico, que então é caçador, pastor, não sei o que, ele precisava, Então são os primeiros momentos que eu tenho essa relação metafísica vamos dizer assim né, de...de... aí o desenho tá junto que são as cavernas aqueles desenhos eles já assim imagina, eles demonstram que era questão do propiciatório né

de pedir com aquela ... de repetir o movimento da caça pra pegar o animal né. Então propiciatório você tanto que eu tô pedindo é exclamativo agora desde o momento que eu consigo a caça ou que eu consigo uma boa colheita eles festejavam aí já

entra numa outra conotação que passa assim a ser o que a gente tem até hoje mesmo. você tem essa dança propiciatório e tem essa dança e tem de comemorar e festejar, que às vezes usa o mesmo movimento. a questão então o fundamento da dança do candomblé é essa. se você for pensar bem uma dança propiciatória. né isso que eu tô com aclamando né que aquele orixá tá me trazendo isso né.

### **e depois de uma forma de agradecer e comemorar tudo**

exatamente de Celebrar. né então assim a dança...essa acho é uma questão que você pode colocar né. você vai numa festa de candomblé, você tá festejando, você tá celebrando aquilo era comilança mais importante aconteceu o que são os rituais que você energiza, que você reza que você agradece né que você pede para o bem do outro, o bem da sua família, de si mesmo... pá pá. agradece e pede sempre bom de caminho então a outra coisa também; por exemplo a gente acredita que nós estamos nesse mundo para nós sermos felizes Próspero né; temos um momento de aprendizado sim cada cada Encarnação a gente faz mas a gente não vem para sofrimento. né isso tem uma dicotomia com o judaísmo, cristianismo né .Então na verdade como a vida é uma vida de obstáculos né, a parte religiosa para você equilibrando na sua vida; para você ir fugindo, você foge da morte prematura. Claro tô usando não. é mas podemos ter um problema e ter uma morte prematura que não estava prevista; doença ,né ,perdas materiais Então é assim a nossa parte religiosa para a gente ir contornando e tentando alterar este estado. não só energeticamente mais pela nossa compreensão das coisas entendeu. então que que acontece, é quando a gente entra numa obrigação, quando a gente entra nessa ritualística e vamos realizar uma festa, toda essa parte de fundamentação já aconteceu. então a festa é a parte celebrativa né, e é a parte de socialização.Eu vou... eu vou dividir com o público meus amigos com os interessados e tal aquela energia que eu produzi ali naquela semana de trabalho, ou dia de trabalho, sei lá do trabalho.Eu vou distribuir aquilo, eu vou dividir aquilo, eu vou socializar entendeu.

**É ...Tudo tem um porquê né não é só fazer por fazer, toda uma história né até chegar**



a gente não chega... se eu vou fazer uma festa para Oxossi? A vamo... sabe que dia? tá bom! O que precisar? Tem que fazer comida? A gente vai fazer um ensaio. Vamo fazer. Não!

### **Não é uma festa tipo 15 de anos...**

Não é uma festa, não é só aquele momento. Tem semanas de trabalho

### **Você é filha de Oxum né?**

SOU

**Em relação da dança dela assim, é porque eu li algumas coisas que ela é muito... igual você falou no começo né que a gente acha só aquilo que ela é muito sensual que ela é mãe, mas quando você tá ali dançando o que você sente assim, tem um sentimento a parte, alguma coisa assim?**

Essa outra questão né; as pessoas chegam e falam que... é quer dizer se tem a perda da consciência Total né, e existe um meio termo aí né. Eu acho que isso é uma coisa também que a gente produz um sentimento também quer dizer, cada um vai entender e vai compreender e vai assimilar a energia desse orixá de uma maneira de uma forma né. Isso é um processo também né e assim... que eu vejo assim O Candomblé de uma maneira assim muito da da do autoconhecimento né, e da e da construção da Fé da construção dos seus valores né que é uma coisa de dentro para fora né E aí eu acho que as pessoas...as pessoas entendem muito isso de uma outra maneira, né, então assim eu sou eu eu sou professora de corporeidade né, então isso para mim é muito forte né. Por exemplo, às vezes a gente tem ... a gente até interrompemos. Eu tenho um grupo de trabalho né que a questão do movimento da dança afro-brasileira, movimento afro brasileiro. mas eu sempre trabalho isso, entender esse plexo essas energias que tem dentro de nós e que a fé é uma conexão né então por exemplo eu tenho que entender essa minha potência e essa minha força que é inerente à minha existência né, e eu me transportar para uma energia de oxum, de uma força de oxum né, que é diferente de

eu me reportar pra uma energia de força de Oxossi, etc. Essa conexão e essa transposição é que me fazem me modificar e modificar o meu em torno né; então cada um de nós tem essa sensibilidade né. eu... eu uma vez eu cheguei perto de um filetinho de água e eu entendi né; a minha oxum é chorona, chorosa eu sempre fui muito chorosa me emocionou demais e aí assim eu senti isso. Vou até chorar...aí eu senti isso assim... não sei nem como vou te falar... O que eu senti dela que na verdade é eu mesma é de assim compaixão...sabe... compaixão, compaixão de mudança mesmo, de olhar o outro, sabe então assim isso é uma coisa, uma coisa minha, isso me mobiliza para muita coisa, eu consigo entender isso né. então por isso que eu digo assim é um processo bem profundo às vezes eu acho que as pessoas não chegam nisso. eu eu posso ter alguns filhos aqui , não sei quem vai entender isso porque eles nem participam desta oficina e as pessoas que fazem minha oficina talvez entendam e eles não. porque eles não participam desse processo apesar de eu disponibilizar não participam desse processo né. então...

### **O que a dança de oxum representa**

As danças de oxum representa várias coisas... vamos lá... o ijexá tem essa coisa... tem essa ... dessa doçura de oxum...dessa... como é que eu vou dizer essa sensualidade de oxum né... porque a gente quando tá dançando assim tá ensinando pra alguém você dá essa ideia que é um movimento suave é um movimento sem pressa, aquela coisa macia tanto que a gente quando fala a dança de oxum, diz assim...olha o sapatinho de oxum aquela pisada leve um passinho pequeno e dali ela vai chegando né. Porque o Oxum também traz essa ideia de não força dessa não resistência que isso é o princípio da água. A água tá lá quieta você nem tá vendo a água. mais água pouca e constante ela destrói mé, ela destrói muita coisa. Não é só um jorrão de água, um jorrão de água também acaba com isso, mais essa água pequena é também transformadora, ela dilui, ela ataca, então é assim esse ijexá tem toda essa coisa essa maciota de Oxum, mas ali tem uma força, né. Tem a coisa da sedução esse movimento da Oxum trás né toda essa sedução, tanto que você vai né pela com a coisa do ombro vamo se dizer assim. To fazendo uma interpretação que nem eu acho muito legal, mais enfim é...esse movimento assim

também representa a constância da água da fluidez da água, tô fazendo isso...assim e essa água continua né

### **aquele balanço bem de levinho...**

Bem de levinho, aquela coisa maciota.

Aí vem outras danças né, que Oxum mostra o abebê, mostra o leque. e esse leque que vai trazer alguma força porque o abebê tem a gente chega e diz assim né... porque tem a vaidade de oxum mas ele tem esse princípio de afastar o mal né de retrain o mal, de refletir aquilo que vem para você né então isso é uma das danças de Oxum. Tem outra dança de Oxum que vai falar da vaidade de Oxum que ela...que ela veste suas bijuterias suas joias e tal e tentar encantar né E nessa dança... e nessa dança e eles fazem um movimento das águas na roupa de Oxum eu vou te falar com toda sinceridade você não bota isso no seu trabalho não... eu não gosto muito de fazer inscrições não sabe e enfim eu acho que cada Oxum poderia ter a sua dança, eu não sei porque, se eu tivesse tempo eu iria estudar isso né eu ia pesquisar isso né como que surgiu não sei dizer para você como que surgiram as danças como que elas trazem porque eu acho que isso na África é diferente entendeu porque você tem que pensar outra coisa também o candomblé é uma religião brasileira.

### **chegou... eles trouxeram algumas coisas de memória né...**

Criou se uma outra coisa... quando eu vejo... tem que ver alguns africanos eles tem umas coisas que não é igual o nosso, não tem essa representação figurativa que agente tem.

**Um rapaz falou que é estranho quando eles vêm visitar o Brasil porque eles acham interessante como em um lugar cultua todos os orixás sendo que lá cada terra né Cada parte é de um orixá. Então é tipo assim uma terra é só para Xangô, ele falou que tem essa diferença**

aí você vê que aqui já é essa ideia de misturas nas senzalas. As senzalas brigaram vários vários grupamentos que chegaram tempos diferentes,e os escravos conviviam então assim a evolução foi sendo muito gradativa porque foram

séculos...séculos que isso aconteceu q Então como que isso aconteceu a gente vai dizer isso como eu não tenho registro né

**não tem relatos é só via oral...**

Só via oral e... e tem o livro de um cara, um argentino parece . Ele fez um levantamento historico bem interessante bem interessante do jeje, e né ele Ele conta né, ele descreve mais ou menos alguns momentos né que que acabaram surgindo no Candomblé com essa feição que a gente tem hoje né, que tá mudando demais, o candomblé tá mudando muita coisa não tem como a gente tá...é... como era antigamente né mas é um pouco como que surgiu isso né Eu acho que foi alguma coisa que foi sim se consagrando e um vai passando para o outro né Porque também as nações têm as suas especificidades né a Angola uma coisa o gueto é outra é... é o jeje é outro. O que acontece eu só gueto que já é dessa leva...leva mais recente que vem para o Brasil né então é toda muito organizada né Assim em termo disso daí,dessa descrição dessa dança narrativa é mais do que os outros porque eu fico vendo eu já teve ligação com outras pessoas de Angola e de jeje e eles não tem tanto isso como tem o gueto né, então eu acredito que isso foi passando que tem como inclusive as casas maiores de mais tradição que... que tem mais filiais vamos dizer assim né. e assim assim você pegando o material né que tem de canto de dança você vê como eles procuraram manter né manter pela pela relação de gerações, e nós estamos no outro momento que a ampliou isso né que você não tem só as pessoas da comunidade né hoje em dia coisa tem uma outra aflição e tá muito mais aberto para ter gente inclusive para poder manter os terreiros se não eles fecham e tem essa questão de manutenção que é um problema no candomblé. Em princípio é uma religião cara pra se seguir, não é simples. bom mas aí que que acontece voltando lá nas dança né.

Tem uma outra dança, que ela quer dizer que Oxum desfaz feitiço, que ela... como se ela tivesse desenrolando né. Então essa dança tem essa representação de que ela é uma feiticeira e que tome cuidado com ela porque ela não vai... ela vai desfazer ela vai mandar de volta entendeu. Engraçado isso porque nessa dança o Oxum faz o movimento que é dos guerreiros que ela... que eu falo que eles fazem isso tá aí papa...pepe e ela e ela faz esse movimento em um certo momento ela Gira né E ela vai e bate o pé mostrar que ela ela vai vencer

**tipo uma relação de uma das o leituras que eu fiz que ela é muito protetora  
Então desfazer o feitiço ao modo dela seria se proteger porque os guerreiros  
se protegem atacando e ela seria uma proteção**

ah sim é, mais assim tudo dela é velado né, não é expressiva você não vai fazer o movimento como Ogum faz ,quer dizer você não vai fazer; Ela não faz  
deixa eu ver outra representação que Oxum faz Outra dança tem a do abebe que ela vai mostrando como como uma arma. Ela dança mostrando o abebe faz um movimento aqui e aí ela tá falando que ela tá aqui e o abebe é a arma que ela tem. Tem o movimento que ela vai no atabaque como uma guerreira com o seu abebe. Ela vai mostrar se abebe e vai pegar a força do atabaque.  
E então acho que é isso movimentos que Oxum passa é de... de sensualidade, tem o... o... de embalar.  
Então é isso né, tem aquela coisa da vaidade de Oxum, da força das águas né, da... da Maternidade. Tem a dança que ela mostra a adaga e faz o movimento que ogum faz.